

RESUMO

Ponto da Situação da Realidade Informática actual, levantamento de várias questões e apresentação de possíveis soluções.

PREAMBULO

Este meu trabalho mais não contém que uma opinião muito pessoal sobre alguns problemas da Realidade Informática actual, que quanto a mim, mereceriam um estudo mais profundo, o que infelizmente não me foi possível fazer.

Decidi no entanto apresenta-lo ainda que superficialmente, levantando algumas questões das quais me permiti tirar Conclusões, no intuito de que constituam uma fonte de reflexão e debate salutareis.

INTRODUÇÃO

Informática e Sociedade foi tema para uma semana de colóquios, realizados em Paris em Setembro de 1979, onde participaram especialistas e técnicos notáveis. Independentemente das conclusões que aí se chegou interessa no entanto debater o mesmo tema integrando-o na realidade cultural portuguesa.

O estágio do desenvolvimento actual da Informática, recordando a evolução e o seu progresso rapidíssimo relativamente ao numero de anos de vida desta técnica, leva-me a pensar que se torna hoje muito mais importante reflectir sobre este tema, do que sobre problemas puramente técnicos nela inseridos.

Digamos que no princípio e numa primeira fase embora com objectivos determinados:

aumento do nível de produtividade,
redução de custos,
redução de prazos,

se avançou, pesquisou e progrediu livremente, do ponto de vista técnico, e ate talvez um pouco desorganizadamente.

No entanto a tecnologia existente. e a evolução informática, ou seja as soluções técnico-organizativas são cada vez mais mutáveis, Instáveis e temporárias. Donde cada alteração significativa, tende a ser interpretada cada vez mais como uma posição de "pôr em causa" as soluções técnicas e de organização anteriores.

Daí que talvez hoje seja legítimo perguntar

- A Informática constitui um perigo tecnológico ?
- A Informática ameaça as liberdades individuais, o mercado de trabalho?

Ou seja, passamos a uma outra fase em que, se os objectivos de origem se mantêm:

- aumento do nível de produtividade,
- redução dos custos,
- redução dos prazos,

aquelas questões conduzem-nos a atingir simultaneamente estes outros objectivos

-métodos eficazes, pondo eventualmente em causa os métodos até agora utilizados,

-máquinas (computadores) realmente adaptados às tarefas que se pretende desempenhem,

isto tudo, sem afectar realmente o numero de postos de trabalho, não tornando instável ou causador de distúrbios o sistema de relações de trabalho.

REALIDADE ACTUAL

1.- A necessidade de qualquer empresa comercial ou industrial, integrada num sistema social (qualquer que ele seja), se justifica economicamente para sobreviver. requer para além dos investimentos apropriados e estudos correspondentes, para além dos investimentos apropriados e estudos correspondentes, para além da aplicação de capitais, uma continua formação tecnológica e sobretudo planeamento e organização. Independentemente de quem assume (ou deve assumir) o controlo dessas actividades, o que não está agora em causa, interessa, isso sim constatar que para atingir esses objectivos –planear, organizar, numa palavra, gerir – as empresas utilizam e utilizarão cada vez mais a Informática (leia-se obtenção de Informação quantificada através de sistemas automáticos (mecânicos ou electrónicos) ou mistos).

2. Analisando a evolução rapidíssima de Informática, tanto no que diz respeito a hardware como a software, e alteração de custos consequente dessa evolução, poderemos ser levados a pensar que as aplicações de computadores serão de tal modo fantásticas que nem sequer nos atrevemos a fazer uma previsão, senão a curto prazo. E não pensando apenas no nosso país, poderemos talvez afirmar sem grande margem de erro, que dentro de vinte ou trinta anos, os computadores farão parte da nossa vida diária. Assim, deverão aumentar o número de especialistas de Informática nos vários domínios, assim como surgirá com certeza uma nova classe de técnicos/gestores, que deverão estar ou ser preparados para "saber pedir" informações concretas aos Sistemas de Informação.

-Depende pois de todos nós, ou seja depende do Homem saber utilizar esta "ferramenta" poderosa, que é a máquina ou computador de modo a conseguir dela a produção da Informação necessária e um tomar de decisões, para o qual será forçosa uma certa dose de raciocínio lógico e bom senso.

Sem menosprezarmos a discussão daqueles problemas a nível internacional, penso que devemos antes do mais enquadrá-los na realidade cultural e técnica portuguesa. e analisar mais pormenorizadamente os problemas que advêm desse enquadramento, e se põem aos

- informáticos portugueses,

-utilizadores portugueses,

-gestores/administradores das empresas industriais e de serviço portugueses,

-as multinacionais construtoras representadas em Portugal,

enfim os problemas com que a sociedade portuguesa se defronta e defrontará.

É assim que ao atentarmos na evolução da Informática em Portugal versus a realidade socio-económica portuguesa nos damos conta de graves problemas, que, se por alguns podem ser considerados comezinhos, não deixam contudo de ser bem reais e por vezes de difícil solução.

Eis apenas alguns exemplos

1º.- Tendo em conta que se verifica em Portugal, como aliás noutros países, uma grande falta de formação de verdadeiros gestores, que se traduz muito particularmente na sua predisposição geral contra a Informática, pergunto-me:

-é possível acreditar-se na definição correcta por parte destes gestores de uma política Informática, ou seja definição dos meios e equipamentos, políticas e objectivos, projectos e suas prioridades ?

2º.- Até quando continuarão os C.P.D. (Centro de Processamentos de Dados) da maior parte das empresas em Portugal, a efectuar apenas processamentos de aplicações das áreas Financeira, Pessoal, por vezes Comercial e pouco mais, dispondo muitas vezes de possibilidades técnicas e humanas para fazer muito mais ?

3º.- Até quando continuarão a subsistir os métodos de trabalho antigos, em que por vezes os nossos processos informatizados existem sobrepostos aos antigos ? Repare-se que deste facto resultou a existência de todo um processo administrativo a volta do computador.

4º.- Será possível aos actuais e futuros utilizadores de uma nova Informática de gestão (repartida ou distribuída), tendo em conta o grande desconhecimento em que tem vivido até agora, acompanhado das reticências que tem contra a Informática e os Informáticos actuais, adquirirem de repente noções completamente novas ?

5º.- Será que nós, informáticos executivos, não- nos damos conta das nossas próprias falhas, traduzidas por exemplo

-no diálogo quase inexistente ou deficiente que mantemos com o utilizador,

-na incompreensão pelos seus problemas,

-na falta de formação pedagógica para que façamos entender os nossos pontos de vista aos utilizadores,

-na nossa falta de sensibilidade à dificuldade de adaptação de outrem a novos equipamentos, etc.?

E até quando deixaremos que estas falhas subsistam ?

6º.- Será possível à maioria dos informáticos actuais acompanhar a evolução havida, assimilando novos conhecimentos. tendo em conta a sua idade, background, formação, etc. ...?

7º.- E posta esta questão, na eventualidade de não ser possível, logo surge outra

Como agir nesses casos: reconverter, formar ?

A reflexão sobre todas estas questões permite-me concluir:

1.É urgente e imperativo a definição de uma política Informática Nacional, Industrial, Comercial, e que cada empresa o faça também dentro daquele âmbito.

2. É urgente e absolutamente necessário o ressurgimento da função Organização. A uma organização eficiente que tenha em conta as realidades socio-económicas do país, do mercado, e da empresa, corresponde normalmente uma boa gestão.

Tenhamos no entanto em conta que alterações demasiado profundas na lógica de organização não podem ser improvisadas: exigem competências e tempo. Assim a nova Informática de Gestão, não sendo de fácil aplicação, exige a realização de uma 'interface' eficaz entre o sistema informático e a organização efectiva da empresa. Esta, sendo complexa, exige uma equipa polivalente, que deve comportar no mínimo

- o especialista em organização, que não só conduz a análise das estruturas e o dialogo com os gestores, como também a análise dos circuitos de impressos, o estudo dos postos de trabalho, a simplificação das tarefas, não ignorando a Informática

- o informático dito "da nova vaga" que saiba programar rapidamente e de forma simples, sensível, capaz de facilmente apreender novas técnicas, e que além do mais saiba ensinar, devendo também ser sensível às dificuldades de adaptação do trabalhador a novos equipamentos, de molde a saber ultrapassá-las:

- competências complementares

- informação técnica actualizada

- análise psicosociológica e de formação

- organização dos postos de trabalho.

3. É necessária uma grande mudança nos hábitos (mentalidades) dos Informáticos, ou melhor, do nosso pequeno mundo da Informática, que quanto a mim será mais profunda para os utilizadores, na medida em que, como se sabe, a Descentralização implicaria descida do poder do computador até ao posto de trabalho, quer através de terminais, quer através de mini-computadores ou micro--processadores, ou até de computadores industriais.

Assim a Informática deixará de ser como é comumente dita "de elite" reservada apenas a alguns privilegiados para passar a ser uma Informática colectiva, oferecida e acessível a todos.

Para que tal seja possível torna-se necessário formar os utilizadores. Mas que formação, e quem deve promover a formação?

Na minha opinião ela deverá ser feita de molde a atingir os seguintes objectivos

- os utilizadores deverão conhecer:

- o que é a Informática actual.

- a evolução sofrida na Informática no seu curto tempo de vida,

- as possibilidades que hoje se adivinham no campo da Informática

- os utilizadores deverão estar preparados para

- saber utilizar o computador à sua disposição,

- saber pedir a informação, sabendo utilizá-la, não pedindo mais do que aquilo que realmente necessitam,

-saber gerir bem o computador a seu cargo.

Por outro lado diria que para atingir os objectivos atrás mencionados, julgo que não só os construtores se devem preparar para um outro tipo de formação, a nível dos gestores com diferentes graus de qualificação e responsabilidade

-Administração ou Direcção de Empresas,

-Direcção de Divisão,

-Chefia de Departamento, Serviços, Secções, etc.

como também acho útil que, e numa fase de transição, essa formação esteja a cargo dos próprios informáticos executivos (analistas funcionais e/ou orgânicos), que deverão eles próprios, através do diálogo com os utilizadores começar por tentar retirar-lhes as reticências contra a Informática.

4. Sendo inevitável a curto ou médio prazo a opção por uma informática Descentralizada, a Reconversão de Pessoal é mais implicações administrativas daí resultante.

Senão vejamos:

-Se por um lado a automatização de processos suprime certos empregos cansativos e trabalhosos, por outro lado permite um alívio de tarefas. No entanto estassão na sua maior parte executadas por uma mão-de-obra especializada e experiente, donde a sua supressão provocara eventualmente uma certa hostilização relativamente a todo e qualquer processo automatizado.

Surtem assim problemas humanos e sociais, que afectam as condições de trabalho e por consequência a inserção dos operários na empresa, pondo novos problemas à acção sindical resultante dos comportamentos daqueles que defendem os interesses dos trabalhadores afectados.

Penso portanto que assim como do ponto de vista técnico devem ser ensaiadas diversas soluções informáticas, também os problemas de pessoal e suas possíveis soluções daquelas decorrentes. devem ser levantadas e debatidas, antes de ser adoptada qualquer solução, assim como os quadros e o restante pessoal devem ser consultados e eventualmente formados.

NOTA

Apenas para informação e como curiosidade, a seguir traduzo uma das afirmações produzidas no Congresso da UCC realizado em Junho de 1978, pelos quadros CFDT em França

"Nós militares CFDT, pensamos que os sistemas Informáticos tem um papel fundamental na evolução actual do trabalho tanto no plano quantitativo (número de empregos) como qualitativo (condições de trabalho). É por isso que nos devemos por em campo, nas empresas, para pouco a pouco conquistarmos o direito ao controlo dos investimentos informáticos'

Retomando a minha linha de pensamento

A formação/reconversão de pessoal recairá normalmente sobre o pessoal afecto aos sectores-

utilizadores. Alguns dos empregados desses sectores poderão eles mesmos ser operadores, bem como programadores e/ou analistas para as aplicações julgadas úteis por cada utilizador para o bom funcionamento do seu sector.

Deveremos ter bem presente que no futuro, a informática deverá abarcar dois tipos de funções

- técnicos gestores/utilizadores,

- técnicos de software,

em que por exemplo a minha função analista informático - tenderá a desaparecer para dar lugar a uma daquelas.

Esta formação/reconversão de pessoal será tanto mais desejável, quanto ela trará a curto/médio prazo benefícios importantes

- uma maior satisfação do pessoal, pela aquisição de novos conhecimentos e que se salda normalmente por uma maior qualificação

- uma maior motivação na medida em que há maior responsabilidade

- uma eficiência maior resultante de liberdade e responsabilidade referidas.

5.Quanto a mim será também indispensável que se introduza rapidamente a Informática na formação escolar e a diversos níveis, começando mesmo pelo primeiro grau de instrução. Julgo que ninguém duvidará da utilidade de tal medida, pois que ela se traduzirá por certo em gerações de operários, utilizadores, técnicos administrativos, gestores ou técnicos informáticos com uma formação e mentalidades radicalmente diferentes. Surgirão concertiza outros problemas, o que é natural muna Sociedade em constante mutação, m as serão concertiza eliminados muitos outros.

CONCLUINDO

Constatada a evolução havida na Informática desde que nasceu, a situação actual, as soluções que se nos deparam e as perspectivas futuras, julgo dever-se afirmar que, qualquer política de automatização deverá enquadrar três aspectos fundamentais, conduzindo à aplicação de três tácticas

- táctica económica

- táctica de organização de trabalho

- táctica de relações sociais.